**SUMÁRIO**

[INTRODUÇÃO 3](#_Toc388991776)

[MÁ-FÉ: FUGA DO SER 4](#_Toc388991777)

[Relação entre má-fé e mentira 6](#_Toc388991778)

[Relações conceituais 8](#_Toc388991779)

[As utilidades da má-fé 11](#_Toc388991780)

[CONCLUSÃO 12](#_Toc388991781)

[REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 13](#_Toc388991782)

# INTRODUÇÃO

A má-fé é um tema apresentado pelo filosofo francês Jean-Paul Sartre em sua obra “O ser e o nada”.

Antes de adentramos propriamente na questão da má-fé, concluímos para melhor desenvolvimento da pesquisa ser necessário obter uma compreensão maior do que seria o ser para Sartre. Tendo assim o “ser” como primeiro foco de estudo perceber-se que o filosofo não se aprofundar propriamente no assunto do ser, mas o confronta com o não-ser, demonstra suas distinções, relações e o que de fato são.

Assim temos a má-fé como uma crença em algo irreal, criada pelo ser que busca um bem-estar. Por ser algo irreal muitas vezes é confundida com a mentira, por possuírem características semelhantes, no entanto são duas realidades completamente diferentes. A dualidade, enganado e enganador não faze parte daquele que age de má-fé, temos apenas um individuo em questão.

Aprofundando-se mais no tema serão também apresentadas, algumas relações conceituais que auxiliam na compreensão da má-fé, pelo fato de o filosofo estudado possuir compreensões particulares de determinados conceitos. Por ultimo será apontado uma função ou utilidades daquilo que se denomina má-fé.

# MÁ-FÉ: FUGA DO SER

**O ser para Sartre**

Para que se possa compreender melhor a má-fé, é necessário que se tenha em mente como Sartre vê o ser e suas relações. Assim, este capítulo tem essa intenção, a de introduzir brevemente como Sartre interpreta e analisa o ser.

O foco da filosofia de Sartre é a relação entre o ser e o não-ser (“Ser e o Nada”). Porém, não se pode falar muito sobre o ser em Sartre, pois este não trata muito sobre o ser em sua obra, mas tem destaque fundamental o não-ser.

O ser é em si mesmo, pois não pode haver nada anterior a ele, “[...] é o S. [ser] do fenômeno que não seria nem possível nem necessário, mas simplesmente existente” (ABBAGNANO, 2007, p. 1051). Portanto, o ser é indeterminado, é imediato e relaciona-se somente com si e nada mais:

O ser é supérfluo... consciência absoluta que não pode derivar o ser do nada, nem de outro ser ou de uma possibilidade, ou até mesmo de uma lei necessária. Não criado, sem razão para ser, sem nenhuma conexão com outro ser, o ser-em-si é o de mais para a eternidade (SARTRE Apud COX, 2010, p. 22).

O não-ser é um ser, cuja tarefa é negar eternamente o ser-em-si, é dependente do ser, é subsequente ao ser e nele encontra concretamente a sua eficácia, pois o não-ser nega o ser e possibilita o conhecimento deste. Assim, o não-ser tem que ser, tem que atingir o seu ser como negação do ser-em-si e chama-o de para-si. Porém, o para-si deve lutar para não se confundir com o em-si. A confusão entre o ser-em-si e o ser-para-si seria um estágio desejado, mas irrealizável para Sartre, pois o não-ser existiria positivamente com o ser, deixando sua tarefa de negação:

Para evitar um colapso de volta ao ser [...] o para-si tem que ser ambos, uma afirmação negada e uma negação afirmada. A afirmação que é negada é o ser-em-si; a negativa que é afirmada é a negativa do si como para-si-em-si. Incapaz de ser um ser determinado no si, como um ser ou não-ser, o para-si tem que ser o ser ambíguo, indeterminado e paradoxal (COX, 2010, p. 24).

Tendo conceituado o ser e o não-ser, Sartre continua dizendo que só pode existir projetos em “[...] um ser que é aquilo que não é [...]” (COX, 2010, p. 26), pois não é um ser definido e possibilita as inúmeras possiblidades de ser. Portanto, a liberdade de Sartre está baseada na noção de que todos são “[...] um para-si em relação ao em-si [...]” (COX, 2010, p. 26), pois não há essência alguma, além da que pode ser criada e escolhida.

Este conceito remete ao da consciência, que para Sartre é nada mais que uma negação do ser. Segue-se então que o ser-para-si é o ser da consciência. E como o próprio não-ser, a consciência é nada, ela é apenas em vista de algo, uma consciência de alguma coisa, voltando-se assim para o ser-em-si, ou seja, para o que ela não é. E a partir da consciência percebe-se a liberdade do homem.

A consciência da liberdade humana causa angústia, pois se abre a oportunidade de escolha entre muitas possibilidades. Para se livrar dessa angústia, o homem utiliza-se da má-fé, onde ele associa-se a uma imagem criada do em-si, mentindo para si mesmo, em busca de uma fuga da liberdade proporcionada pelo para-si na relação com o em-si.

## Relação entre má-fé e mentira

Neste presente capítulo visamos relacionar a má-fé com a mentira, com o objetivo de distinguir uma da outra mostrando suas diferenças e peculiaridades. Muitos as confundem devido uma ter traços característicos da outra, porém são distintas.

“O ser humano não é somente o ser pelo qual se revelam negatividades no mundo. É também o que pode tomar atitudes negativas com relação a si” (SARTRE, 1997, p. 92). Assim Sartre começa o segundo capítulo de sua obra “O Ser e o Nada”. A partir desta exposição da capacidade humana de produzir o mal a si mesmo é que podemos dar início ao entendimento da má-fé.

Primeiramente tentaremos definir a mentira. Uma atitude negativa que tem como fim enganar o outro, mas que frequentemente é confundida com a má-fé. É necessário para haver a mentira: uma consciência que saiba a verdade, não estar enganado, liberdade para ser o enganador e, por último, o outro a quem transcenderá a mentira, o enganado. Sartre nos apresenta o ideal do mentiroso através da definição a seguir:

A essência da mentira, de fato, implica que o mentiroso esteja completamente a par da verdade que esconde. Não se mente sobre o que se ignora; não se mente quando se difunde em erro do qual se é vítima; não se mente quando se está equivocado. O ideal do mentiroso seria, portanto, uma consciência cínica, que afirmasse em si a verdade, negando-a em suas palavras a negando para si mesma esta negação. Mas essa dupla atitude negativa recai em um transcendente: o fato enunciado é transcendente, porque não existe, e a primeira negação incide sobre uma verdade, ou seja, um tipo particular de transcendência. (SARTRE, 1997, p. 93)

Tendo esclarecido a mentira e seu processo, nos empenharemos a definir a má-fé. O primeiro passo para entendê-la é percebermos que o enganador coincide com o enganado, ou seja, são os mesmos. A má-fé aparenta ser mentira, mas não o é, pois o sujeito esconde a verdade de si mesmo e não há relação com o outro para a transcendência da mentira. É necessário ter consciência da verdade, para a consciência se enganar e de fato ser enganada. Se ela realmente não fosse enganada, o sujeito teria consciência da má-fé e jamais permitiria ser enganado e não sendo enganado não haveria má-fé.

A má-fé é então criada para retirar do homem uma verdade que lhe seja insuportável. A mentira sendo suportável faz com que prefira aceitá-la. Daí, podemos entender a má-fé como crença. Mesmo que eu saiba que esta crença é equivocada, não é depositada nela a dúvida e enquanto acreditar na crença criada, mesmo sabendo que pode estar errada, estarei livre da angústia. Portanto, a má-fé torna-se um refúgio protetor do que conhecemos por verdade.

Enquanto a mentira é transcendente por depender de outro a má-fé depende apenas de uma única consciência. Portanto, má-fé seria uma mentira (diferente daquela que transcende) do sujeito para si mesmo.

## Relações conceituais

Depois de argumentado sobre a relação entre má-fé e mentira no capítulo anterior, vamos agora relacionar alguns conceitos adotados por Jean - Paul Sartre com a má-fé.

Os conceitos seguintes irão apresentar a maneira como Sartre utiliza-os para explicar a má-fé, facilitando a compreensão da mesma. O filósofo faz uso de alguns principais conceitos, que são eles:

**Transcendência*:*** *“[...] em sentido bem geral, a propriedade de elevar-se fora ou acima de outras coisas (virtualmente sempre entendido figurativamente); em filosofia, a propriedade de ser, de alguma maneira, de uma ordem superior” (*AUDI*, 2006, p. 958).*

Para Sartre a transcendência significa que nunca podemos ser algo e quando tentamos ser algo particular agimos de má-fé.

Para o filósofo existencialista, se o sujeito não se transcende, ele está agindo de má-fé, já que é preciso ir além daquilo que se é, pois o “para-si” é aquilo que não é, e nunca pode ser aquilo que é. É necessário entender que a pessoa nunca é aquilo que é, mas que tem de ser, além disso, aquilo que é, ou seja, ela nunca pode “estacionar” em seu ser, mas buscar uma transcendência procurando ir além daquilo que ela acredita ser.

Podemos usar o exemplo do garçom que Sartre usa em sua obra. O garçom se limita a ser apenas um garçom, quando na verdade é preciso transcender a facticidade de ser um garçom, uma vez que transcendendo ele perceberá que poderá exercer outras funções além daquela que exerce. Sartre usa muito o conceito transcendência para explicar a má-fé também em outros exemplos, como: o flerte; a tristeza; o homossexual e o campeão de sinceridade; e o covarde.

**Consciência:**

*“[...] o significado que esse termo tem na sua filosofia moderna e contemporânea, embora pressuponha genericamente essa acepção comum, é muito mais complexo: é o de uma relação da alma consigo mesma, de uma relação intrínseca ao homem, ‘interior’ ou ‘espiritual’, pela qual ele pode conhecer-se de modo imediato e privilegiado e por isso julgar-se de forma segura e infalível”. (ABBAGNANO,*2007, *p. 217)*

Primeiramente, Sartre, utiliza do conceito de consciência para explicar que a má-fé não é a mentira para si mesmo, já que esta, segundo ele, não é possível. Para ele a consciência não é opaca, mas sempre transparente. Não há uma dualidade na consciência, não permitindo, então, esconder nada dela. Por isso Sartre contesta Freud (1856 - 1939)em sua tese quando ele fala sobre o Id e o Ego. Segundo o filosofo francês não existe o consciente e o inconsciente, ambas são uma só, impedindo, então, esconder algo de si.

Sartre faz objeção à posição de Freud, expressada acima, baseado no fato de que a consciência não é opaca, mas sempre transparente. Ele argumenta que ser consciente de um pensamento é ser totalmente consciente a respeito dele, pois um pensamento existe somente até onde uma pessoa está consciente dele. Sartre, portanto, não aceita aquilo que a noção e censura de Freud sugere: que uma pessoa pode ser ambos, consciente e não consciente de um determinado pensamento. (COX, 2010, p. 126)

Para o filósofo, ainda, existe a consciência *de*, que seria intencionalidade, ou seja, a intencionalidade parte da própria consciência, uma vez que se tem algo presente no consciente se é capaz de obter uma intenção.

Para compreender melhor, podemos analisar o exemplo que Sartre usa para explicar à má- fé do homossexual e o campeão da sinceridade. Entende-se que a intencionalidade é a intenção de fazer penetrar seus pensamentos na mente de quem o escuta. Segundo o exemplo que Sartre utiliza, o homossexual não aceita aquilo que ele é. Seu amigo, o campeão da sinceridade, usa da intencionalidade para fazer com que o homossexual assuma seu estado. Com isso ele também age de má-fé, pois segundo Sartre a sinceridade faz com que a pessoa aja de má-fé, buscando se distanciar daquilo que ela é. *[...] a sinceridade parece ser um simples ato de honestidade, no qual uma pessoa aceita aquilo que ela é, mas a pessoa sincera está em má-fé porque o objetivo real da sua sinceridade é realmente se distancia daquilo que ela é, através do mesmo ato onde ela aceita aquilo que é.[...] (COX, 2010, p. 153).*

**Liberdade:**

***“****Esse termo tem três significados fundamentais, correspondentes a três concepções que se sobrepuseram ao longo de sua história e que podem ser caracterizadas da seguinte maneira: 1ª. L. como autodeterminação ou auto causalidade, segundo a qual a L. é ausência de condições e de limites; 2ª.L. como necessidade, que se baseia no mesmo conceito da precedente, a auto determinação, mas atribuindo-a à totalidade a que o homem pertence (Mundo, Substância, Estado); 3ª.L. como possibilidade ou escolha, segundo a qual a L. é limitada e condicionada, isto é finita”. (ABBAGNANO, 2007, p. 699)*

Segundo Sartre, a liberdade influencia diretamente a possibilidade da má fé, já que é através da liberdade que se tem, que fará com que a consciência tenha a possibilidade de escolher fazer o ser humano ser aquilo o que quer ser.

“A liberdade influencia diretamente a possibilidade da má-fé. Isso é possível porque a má-fé envolve uma tentativa por parte do para-si – um ser que precisa perpetuamente se escolher – para si mesmo como um ser que não necessita e nem pode se escolher”. (COX, 2010, p. 121)

A liberdade é um dos grandes pontos dentro da má-fé. O homem, por meio dela, pode escolher ser outra coisa ou permanecer sendo aquilo que é. É pela liberdade que ocorre a transcendência; ela impulsiona o homem a ter a possibilidade de se transcender, pois quando se perde a liberdade sem limite, o ser humano se torna uma coisa e não quer ir além daquilo que se é.

Sartre especifica bem a questão da liberdade quando cita o exemplo do homossexual em sua obra. O campeão de sinceridade ao tentar fazer com que o homossexual se aceite como é, faz com que ele perca essa liberdade sem limites e também a liberdade transcendente, tornando-se assim apenas uma coisa.

O filósofo emprega alguns outros conceitos dentro da má-fé, mas, ao analisar esses principais: transcendência, consciência e liberdade; pode-se observar o quão importantes são para uma boa compreensão daquilo que se foi expresso acima, ou seja, um entendimento maior da má-fé que Sartre expõe em sua obra “Ser e o Nada”. Também mostra como a má-fé abarcar os principais fundamentos de sua obra, tornando-a consequência quase necessária.

## As utilidades da má-fé

Buscar uma utilidade para a má-fé parece algo incerto. Incerto pelo fato de que ela não é algo que possa devidamente ser utilizado como meio de se adaptar ou de se realizar em um espaço, de modo “lúcido”, ela é uma fuga daquilo que se é, e nos remete a uma espécie de ilusão, um sonho na própria realidade, apesar de ainda assim estarmos plenamente cientes de quando agimos de má-fé.

Partindo do pensamento da má-fé como algo que nos segrega daquilo que de fato somos na realidade física, uma primeira utilidade ou função propriamente dita, que podemos lhe conceder é a de fornecer à pessoa que age de má-fé, um bem-estar físico. Ela pode ser utilizada com a finalidade de aliviar sentimentos gerados na pessoa, sentimentos dos quais esta não consegue se distanciar, causando-lhe um mal-estar. Esse indivíduo usando de sua liberdade pode se privar de uma dor, de uma angústia ou de um sofrimento causado por um momento que não favorece o seu bem-estar físico. Esse ser usa de sua liberdade para ser aquilo que não é, mas deve ser naquele determinado momento para se privar de um mal-estar físico.

Nessa busca por uma fuga, o ser humano tem a tendência de se identificar de tal maneira, ou se relacionando a uma determinada função que pode realizar por simples prazer e não apontar aquilo que de fato realiza como profissão, ou apontar sua descendência, ou ainda admitir possuir uma condição econômica ruim, por vergonha, pois lhe causa angústia e muitas vezes o torna aparentemente inferior às demais pessoas que possam ter uma condição de vida melhor que a deste sujeito.

O jovem que se identifica como um escritor iniciante, ao invés de um limpador de privadas, escolhe reconhecer sua transcendência de tal forma que permita que se distancie de um emprego do qual tem vergonha, mas ignora sua transcendência e cai na má-fé, pois escolhe se identificar com um passatempo do qual tem orgulho.(COX, 2007, p.138)

Desse modo a má-fé é utilizada por um individuo com a finalidade de se privar da angústia gerada pela sua liberdade. Ela é usada como uma fuga do ser, para que assim, o individuo se distanciando da realidade e da verdade angustiante para algo que é irreal, mas o alivia.

**CONCLUSÃO**

Conclui-se então que a má-fé tem seu início na consciência da liberdade de escolha frente às possiblidades de ser-em-si. Consciência que vem a partir da negação do ser, da relação do ser e do não-ser (em-si e para-si). “[...] a má-fé envolve uma tentativa por parte do para-si – um ser que precisa perpetuamente se escolher – para si mesmo com um ser que não necessita e nem pode se escolher” (COX, 2010, p. 121).

A má-fé só é possível porque não se é o que se deve ser, ela só surge porque o para-si escolhe ser, mas nunca chegará a ser aquilo que é:

Essa indeterminação significa que nunca podemos ser algo, e que quando tentamos estabelecer-nos como algo particular – seja um papel social (policial, garçom) ou certo caráter (tímido, intelectual, covarde) – estamos em “má-fé”. Má-fé é considerar-nos erroneamente como algo fixo e estabelecido [...], mas também é má-fé considerar-se como um de ser infinitas possiblidades e ignorar os fatos e circunstâncias sempre restritivos nos quais todas as escolhas têm de ser feitas. (AUDI, 2006, p. 833).

No último parágrafo do capítulo de O Ser e o Nada sobre a má-fé, Sartre resume a má-fé deste modo: “Na má-fé, não há mentira cínica nem sábio preparo de conceitos enganadores. O ato primeiro de má-fé é para fugir do que não se pode fugir, fugir do que se é” (1997, p. 118).

Sendo assim, a má-fé é fuga tanto da possiblidade de transcendência do homem através de sua liberdade de escolha e de suas possiblidades, quanto da facticidade que o limita em suas escolhas e seu ser. Culminando em uma tensão e a impossibilidade de, ao mesmo tempo, ser o que se quer e manter-se livre.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AUDI, Robert [Charles J. Mach] (Dir.). Dicionário de filosofia de Cambridge. Trad. de João Paixão Netto; Edwino Aloysius Royer et al. São Paulo: Paulus, 2006. p. 958.

COX, Gary. Compreender Sartre. Trad. de Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. 2. ed. Trad. de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.